

ABALOS NA TORRE DE MARFIM



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
ALVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA
GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

UNICAMP ANO 50

Comissão Editorial
ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO
EDUARDO GUIMARÃES

EDITORA **U. PORTO**
 FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Jorge Olímpio Bento

ABALOS NA TORRE DE MARFIM
Descaminhos e desatinos da Universidade

EDITORA
UNICAMP

EDITORA  PORTO
FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

B446a Bento, Jorge Olímpio
Abalos na torre de marfim: descaminhos e desatinos da universidade / Jorge Olímpio Bento. – Campinas, sp: Editora da Unicamp; Porto: Editora da Universidade do Porto, 2016.

1. Universidade. 2. Ensino. 3. Sociedade. 4. Valores. 5. Reflexões
I. Título.

CDD - 378
- 370
- 301
- 306
- 101

ISBN 978-85-268-1348-9 (Editora da Unicamp)

Copyright © by Jorge Olímpio Bento
Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à
Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br - vendas@editora.unicamp.br

A vida é uma viagem experimental, feita involuntariamente. É uma viagem do espírito através da matéria e, como é o espírito que viaja, é nele que se vive. Há, por isso, almas contemplativas que têm vivido mais intensa, mais extensa, mais tumultuariamente do que outras que têm vivido externas. O resultado é tudo. O que se sentiu foi o que se viveu. Recolhe-se tão cansado de um sonho como de um trabalho visível. Nunca se viveu tanto como quando se pensou muito.

Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*

À Família: sempre firme e generosa ao meu lado,
para me amparar, gratificar e sustentar até ao fim.

À minha Faculdade e Universidade:
em todo o tempo acordadas nos meus olhos.

Aos Amigos d'aquém e d'além mar:
vivos e coloridos no mapa dos meus afetos.

SUMÁRIO

Prefácios	11
Alberto Amaral	11
Manuel Ferreira Patrício	19
Afonso Pinhão Ferreira	25
Esclarecimento: Passagem de testemunho	31
Sobre o pensamento corrente	31
Estado de alma	32
Universidade e liberdade	37
Liberdade e responsabilidade social	37
Perguntas inquietantes	38
Caleidoscópio de um mesmo estado de alma	41
A nova ditadura: o regime da cleptocracia	41
Da responsabilidade da opinião pública	43
Hiroshima e os dias de hoje	44
Do estado da Universidade: Metida num sarcófago ou no Leito de Procrustes?	47
Resumo	47
Introdução	48
A Universidade como instituição da civilização	51
Da Modernidade 'sólida' à contemporaneidade 'líquida'	54
Um olhar sobre a pós-graduação	60
Fim do dia e da noite	69
Das mentiras do reformismo neoliberal em curso	71
Palavras exigidas e preferidas	74
Conclusão	76
É a Faculdade e não o Conselho Geral, estúpido!	83
Ao jeito de introdução	83
Posicionamentos	84
Reivindicação de uma genuína representação democrática	94
Para onde caminha a educação? Qual é o ideal que a guia?	97
Aviso aos leitores	97
Contexto caótico	98
Fase de transição	101
Hora da filosofia	102
Instrução funcionalizante	104

Obrigatoriedade de ponderação antropológica	107
Do futuro do presente	109
Atualização da Paideia grega	111
A educação como projeto 'artístico'	115
Recusa do veneno da letargia	118
Recuperação do espírito da Modernidade	121
Uma proclamação digna da Universidade: Haja decência, equidade e respeito!.....	125
Auge da suprema prova	125
Banalidade do mal	127
Imperativos morais	129
Da pulsão para a fraternidade e solidariedade.....	131
Preservação da dignidade de todos	132
Direito ao reconhecimento e respeito	133
Das culpas da Universidade.....	134
O crescendo da desigualdade e a atitude dos acadêmicos.....	136
Processo de Bolonha: Ofensa e traição à ideia da Universidade.....	139
Instrumento de opacidade	139
Ameaças e transformações da Universidade.....	140
Traição à ideia da Universidade	142
Entrega da Universidade ao mercado	143
Acerca do ambiente hipercompetitivo	145
Da sedução pela desigualdade	145
Perversão da noção de 'agonismo' e 'arété'.....	146
Competição <i>versus</i> cooperação	147
Consequências da demência competitiva	149
Quem guarda, pastoreia e cria hoje o rebanho da Humanidade? Da política e da educação – dos políticos e dos professores	153
Humanização do animal humano	154
Era da desinibição: perplexidades	155
Retorno a Platão e Aristóteles	158
Da arte do pastoreio	160
Oitavo dia da criação	162
Contra o abandono dos livros e da leitura	164
Desporto e Universidade: Urgência de revisão com os olhos da filosofia e da arte	169
Andar na contramão	169
Instituições civilizadoras	172
Entes 'artísticos' e 'simbólicos'	173
Questionamento do ' <i>utilitês</i> '	174
Em defesa do desporto	176

Da arte e da beleza	178
Liberdade transcendental	180
Antropologia da 'afirmação' e da 'restrição'	182
Das asas do ócio criativo	185
Capitulação face ao utilitarismo	186
Para uma nova viagem	188
A propósito do produtivismo, da ' <i>bibliometria</i> ', da ' <i>papermania</i> ' e da linguagem	193
Funcionalização dos docentes	193
Obrigações do professor universitário	194
Acerca do <i>publish or perish</i>	197
Sequelas do produtivismo	203
Diagnóstico preocupante da profissão docente	205
Necessidade de um movimento anti-produtivista e anti-utilitarista	208
Do cultivo da linguagem	210
Universidade: lugar de leitura e escrita	215
Defesa da língua portuguesa	218
Necessidade de reencontro da Universidade com a sua missão	221
Introdução	221
Revisitação da Universidade	222
Do passado e do futuro	224
Necessidade de revitalização da missão universitária	225
Das relações e da captura da Universidade	227
Toque a rebate	230
Referências para um plano estratégico 'novo'	237
Da 'positividade', da hiperatividade e da exaustão	240
Da vida ativa e do <i>animal laborans</i>	244
Pedagogia da visão e audição	246
Funcionamento patológico da sociedade hodierna	248
Consequências da aceleração, competição e ultradesempenho	250
Urgência de uma revolução suave	256
Do imperativo da desaceleração	259
Renovação do anticonformismo na Universidade	260
Conclusão e despedida	267

Prefácio

ALBERTO AMARAL

*Vengo del Norte,
de la edad retorcida de las viñas,
de los poblados rústicos del vértigo,
del alarido febril del urogallo.
Vengo del Norte,
de una aldea tranquila donde la muerte viaja en un tren
de carbón,
de la llamada azul de los afiladores,
de una granja apartada de todos los destinos.*

Vengo del Norte, Aurélio González Ovies, Poeta Asturiano

Já em tempos escrevi um prefácio para um livro do Jorge Bento (*Um olhar do Norte*) em que ele avisava *Sou do Norte. Religioso e cristão, portanto*. Hoje, como antes, ele mostra a sua capacidade de dominar a língua portuguesa que utiliza na perfeição, embora sem esquecer, como diz Pablo Neruda, que “*es dura la verdad como un arado*”. Por vezes os amigos dizem-lhe que as suas palavras têm formas aguçadas (e por vezes ferem), mas essa rudeza ganhou-a na sua terra natal que, tal como o Porto, onde vive há décadas, está embutida no granito que lhe confere uma face austera.

O livro, que agora apresenta, é uma despedida depois de uma longa carreira académica, livro que Jorge Bento usa para denunciar na praça pública alguns dos problemas mais dramáticos da universidade e da sociedade. Universidade que ele critica por se ter abandonado ao absentismo denunciado por Gramsci:

A indiferença é hoje a mola principal da história. Mas num sentido negativo... O que vier a acontecer não é devido à vontade de alguns de que aconteça, mas devido à multidão de cidadãos que abdicam das suas responsabilidades e deixam as

coisas acontecer... A fatalidade que parece dominar a história é justamente o apatamento desta indiferença, deste absentismo¹.

Ou, como afirmava Wolf Lepenies em meados dos anos 90:

Assumir responsabilidades tornou-se cada vez mais difícil para o intelectual Europeu. Vivemos num continente que está em perigo de perder as suas “idéas directrices”, um continente que passa por um enfraquecimento das suas certezas culturais².

Infelizmente, a Universidade vê-se, hoje, confrontada com o facto de estar a ser progressivamente ligada à economia ou, como diz Guy Neave³, a missão da Universidade está a ser redefinida, deixando de ser um instrumento de distribuição de riqueza para se tornar num instrumento para a sua produção.

Na Europa, a Declaração de Bolonha propôs o conceito de uma “Europa do Conhecimento” como um factor imprescindível para o crescimento social e humano. O Processo de Bolonha foi, inicialmente, associado com a ideia generosa de uma paisagem unificada do ensino superior Europeu que honrava o carácter Europeu da unidade na diversidade e olhava para além de objectivos meramente económicos. Nas palavras de Rüttgers⁴, “o ensino superior deve estar ligado a valores... às fundações da nossa cultura ocidental”.

Este ideal foi alterado quando a estratégia de Lisboa se propôs transformar, numa década, a União Europeia na “economia baseada no conhecimento mais competitiva e dinâmica do mundo” e, para atingir esse fim, se apropriou do Processo de Bolonha e transformou as universidades nos seus instrumentos para tornar o en-

1. Gramsci, A. (1977). *Selections from the Political Writings*. Hoare Q. (Ed.) (New York, International Publishers)

2. Lepenies, W. (1997). *The Future of Europe and the Role of Higher Education and Research*, Lecture at The Bank of Sweden Tercentenary Foundation Seminar “Academic Leadership”, Sãstaholm, 25. May 1994 (mim.) and *Lepenies 1997*, p. 39

3. Neave, G. (1995). The Stirring of the Prince and the Silence of the Lambs: The Changing Assumptions Beneath Higher Education Policy, Reform and Society. In D. Dill and B. Sporn (Eds.), *Emerging Patterns of Social Demand and University Reform: Through a Glass Darkly*, pp. 54-71, Oxford, Pergamon Press.

4. Rüttgers, J. (2013) ‘The Sorbonne/Bologna Project: Higher Education for the 21st Century’ Key-note speech at the *Second International Annual Conference of the Bologna Training Centre* at Ben-Gurion University of the Negev, Israel, June 13th 2013.

sino superior relevante para as exigências e necessidades de curto prazo da economia. No entanto, muitos duvidaram do êxito da estratégia de Lisboa, uns considerando que esta era um exemplo clássico de uma utopia contemporânea⁵, outros que a oferta simultânea de emprego, igualdade de rendimentos e limitação fiscal era impossível⁶. Infelizmente, estes cépticos tinham razão e a estratégia de Lisboa foi um fracasso, como o comprovam os níveis inaceitáveis de desemprego, em particular dos jovens, e a anémica capacidade de crescimento da economia Europeia. Comandada por políticos que, como diz Nybom⁷, têm vindo a piorar em agudeza intelectual e competência administrativa, a Europa tem vindo, progressivamente, a reforçar a sua posição política neoliberal, dando prioridade ao desenvolvimento, a qualquer custo, do mercado interno em detrimento das políticas sociais.

A substituição de “emprego” por “empregabilidade”, um dos chavões do Processo de Bolonha, contribuiu para a individualização dos problemas sociais⁸, ao tornar o desemprego, ou a pobreza, a responsabilidade de conhecimentos, educação e treino profissional deficientes, competindo a cada indivíduo investir o suficiente para se manter empregável. Ulrich Beck⁹ (1983) considera que esta individualização da desigualdade, com desculpabilização do Estado, tornou irrelevantes conceitos como os de classe social e do próprio Estado. Segundo Streckeisen, a afirmação de que a posição social depende do conhecimento, ou seja, do investimento de cada indivíduo em capital humano, provocou a individualização dos problemas sociais, o que contribuiu “para legitimar as desigualdades sociais e de poder invocando, precisa-

5. Creel, J., Laurent, E. and Le Cacheux, J. (2005) ‘Delegation in inconsistency: the Lisbon strategy record as an Institutional Failure’, Department d’études de l’OFCE, Sciences Po, <https://hal-sciencespo.archives-ouvertes.fr/hal-00972772/document> (accessed 25 February, 2015).

6. Iversen, T. and Wren, A. (1998) ‘Equality, Employment and Budgetary Restraint: The Trilemma of the Service Economy’, *World Politics*, 50(4), 507-46.

7. Nybom, T. (2002). ‘The Humboldt Legacy. Reflections on the Past, Present and Future of European Higher Education’, in de Corte, E. (ed.), *Excellence in Higher Education*. London, Portland Press.

8. Streckeisen, (2009). ‘Knowledge Society – or Contemporary Capitalism’s Fanciest Dress’, *Analyse & Kritik*, 1, 181-97.

9. Beck, U. (1983). *Jenseits von Stand und Klasse? Soziale Ungleichheiten, gesellschaftliche Individualisierungsprozesse und die Entstehung neuer Formationen und Identitäten*. In Kreckel, R. (ed.), *Soziale Ungleichheiten*, pp. 35-74, Göttingen: Schwartz.

mente, um princípio de igualdade de oportunidades que Bourdieu e seus colegas desconstruíram de forma convincente”.¹⁰

Hoje, as universidades sofrem uma pressão permanente para fornecer ao mercado de trabalho os licenciados com as capacidades que satisfaçam as necessidades de curto prazo da economia, capacidades em permanente mudança e que devem ser avaliadas como resultados da aprendizagem. Porém, a insistência de Bolonha em tornar o ensino superior relevante para o mercado de trabalho contribuiu para formar uma visão utilitária do ensino superior, como elemento chave de uma estratégia de crescimento económico e competitividade¹¹. Ora esta permanente procura de ajustamento de capacidades serve como mecanismo para limitar a autonomia do sistema de educação face às exigências da produção capitalista¹². Como vão longe os tempos do Cardeal Newman que, na sua “Idea of a University”¹³, lutava ferozmente contra um conceito utilitário de Universidade! Como é agora difícil implementar princípios de ação como os definidos no Alvará Real, de 1620, que criou o Harvard College, hoje a Universidade de Harvard:

The advancement of all good literature, arts, and sciences; the advancement and education of youth in all manner of good literature, arts, and sciences; and all necessary provisions that may conduce to the education of the...youth of this country...

Estas alterações vieram influenciar, não apenas o ensino mas, também, a investigação. Mesmo que a curiosidade, o amor aos desafios e outros motivos puramente epistémicos não tenham desaparecido completamente, “os interesses económicos, mesmo os mais remotos, têm adquirido importância crescente em conduzir e dire-

10. Streckeisen, (2009). ‘Knowledge Society – or Contemporary Capitalism’s Fanciest Dress’, *Analyse & Kritik*, 1, p. 188.

11. Sin, C. and Neave, G. (2014). ‘Employability deconstructed: perceptions of Bologna stakeholders’, *Studies in Higher Education*, DOI 10.1080/03075079.2014.977859.

12. Streckeisen, (2009). ‘Knowledge Society – or Contemporary Capitalism’s Fanciest Dress’, *Analyse & Kritik*, 1, p. 194

13. Newman, J.H. (1996) in F. Turner (ed.) *The Idea of the University, Defined and Illustrated, Rethinking the Western Tradition*, New Haven: Yale University Press.

cionar o crescimento do conhecimento ‘útil’ durante o último século e meio”.¹⁴ Isto parece contribuir para tornar real a utopia clássica de Bacon¹⁵ de promoção de uma agenda de investigação para melhorar as artes úteis, significando a tecnologia¹⁶. Cada vez mais se pede às instituições para que produzam investigação com relevância direta para a economia, o que se reflete, por exemplo, na natureza dos projetos de investigação financiados pela União Europeia.

Estas transformações também vieram alterar a vida dos académicos, crescentemente proletarizados¹⁷. Segundo Barnett o tempo dos académicos tem vindo a deteriorar-se em consequência destas transformações, sendo progressivamente impregnado pelos interesses da gestão, da economia, da eficiência e do output¹⁸. E isto provoca a perda da liberdade académica e a redução da dimensão crítica da Universidade¹⁹. Assim, a retórica universitária, que até há bem pouco tempo se baseava na qualidade científica e na liberdade académica, passou a ser substituída pela da gestão e eficiência, ao mesmo tempo que aumentam as pressões para a adopção de metodologias de gestão mais próximas das empresariais.

Por outro lado, a expansão dos sistemas de ensino superior até ao estado de massificação e mesmo de universalidade não alterou os mecanismos de reprodução social denunciados por Bourdieu e seus colegas²⁰, problema que pode ser reforçado devido à crescente popularidade dos rankings que levou já vários países a

14. Mokyr, J. (2002). ‘The Knowledge Society: Theoretical and Historical Underpinnings’, paper presented at Ad Hoc Expert Group on Knowledge Systems, United Nations, New York, September 4-5, p. 10.

15. Bacon, F. (1620). Bacon, F. (1620) *The New Organon. Or true Directions Concerning the Interpretation of Nature*. http://www.constitution.org/bacon/nov_org.htm (accessed 28 December 2015).

16. Mokyr, J. (2002). ‘The Knowledge Society: Theoretical and Historical Underpinnings’, paper presented at Ad Hoc Expert Group on Knowledge Systems, United Nations, New York, September 4-5.

17. Halsey, A.H. (1992). *Decline of Donnish Dominion: The British Academic Professions in the Twentieth Century*. Oxford: Clarendon Press.

18. Barnett, R. (2008). Being an Academic in a Time-Impoverished Age. In Amaral, A., I. Bleiklie, and C. Musselin (Eds.). *From Governance to Identity*, pp. 7-17, Dordrecht: Springer.

19. Bailey, R.W. (2008). Is the University in Ruins? Discussion Paper number 2008-2, Institute for Economic Development Policy, University of Birmingham.

20. Bourdieu, P. et Passeron, J.C. (1970). *La reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement* (Paris: Minuit).

fazer investimentos substanciais para criar universidades de investigação, capazes de competir a nível mundial, o que irá criar sistemas nacionais de ensino superior e uma Área Europeia de Ensino Superior estratificados²¹. Este pequeno grupo de universidades tradicionais de investigação constituirá uma elite responsável por desenvolver conhecimento novo, enquanto que um grande sector, indiferenciado, vai existir na base do sistema e que será a ferramenta preferida para produzir os trabalhadores talhados para as necessidades imediatas dos mercados e servirá para proteger o sector de investigação, de elite, encarregado de preservar os mecanismos de reprodução social.²²

Infelizmente, vivemos hoje um período complexo em que é dado o primado à economia e aos bens materiais. Ainda por cima quando (e aqui cito Joel Mokyr): Hoje os economistas são em regra maus filósofos. A idade dos gigantes educados em filosofia como Adam Smith, Karl Marx e John Stuart Mill passou há muito tempo. Para a maioria das pessoas educadas em economia, a ideia simples de que “mais é melhor”, derivada do cálculo utilitário de Bentham parece ser bastante. É melhor ter mais do que menos e as comparações do bem estar estão baseadas neste axioma. As questões distributivas são certamente discutidas, mas, muitas vezes, em termos que olham mais para o efeito da redistribuição no tamanho total do bolo²³.

Todas estas questões são abordadas por Jorge Bento no seu livro, que ele diz de despedida, mas que será, apenas, assim o desejo, um intervalo de prestação de contas e, sobretudo, de autoavaliação pessoal de uma vida de dedicação à Universidade e à causa pública. A natureza dos problemas atuais da universidade e da sociedade é diversa, mas de enorme gravidade, e bem faz Jorge Bento em lançar um grito de

21. Neave, G. (2012). *The Prince and His Pleasure. Institutional Autonomy, the Evaluative State and Re-engineering Higher Education in Western Europe* (Basingstoke: Palgrave Macmillan).

22. Neave, G. (2012). *The Prince and His Pleasure. Institutional Autonomy, the Evaluative State and Re-engineering Higher Education in Western Europe* (Basingstoke: Palgrave Macmillan).

23. Mokyr, J. (2002). ‘The Knowledge Society: Theoretical and Historical Underpinnings’, paper presented at Ad Hoc Expert Group on Knowledge Systems, United Nations, New York, September 4-5.

alerta. Mas eu espero que este seja o início de uma nova fase e, certamente, que o meu amigo Bento me perdoará se lhe chamar atenção para que não basta denunciar os problemas, é preciso criar um movimento que elimine a tendência para a indiferença. Porém, para mobilizar é preciso criar alguma esperança e é disso que eu sinto a falta nestes escritos que agora são dados a público.

Porto, 23 de fevereiro de 2016.

Alberto Amaral

Prefácio

MANUEL FERREIRA PATRÍCIO²⁴

Aprendi com Rainer Maria Rilke a distinguir entre o fácil e o difícil. Dois critérios do valor da vida e da obra humana. Fiz esta aprendizagem no exercício da minha acção pedagógica como professor de Filosofia no Liceu Nacional de Évora, com alguns colegas exemplares e com alunos que também foram exemplares. Foi num livro bem pequeno, na sua dimensão física, que o aprendi: nas Cartas a um Poeta, de Rainer Maria Rilke, na bela tradução de Fernanda de Castro (edição da Portu-gália Editora, sem data). Tal como aconteceu com a Carta VII de Platão, foi também na Carta VII da obrinha de Rilke que me senti maravilhado com o pensamento do grande poeta relativamente à vida que vale a pena viver, os que somos dignos de a viver se a vivermos.

Eis a parte mais bela que li nessa Carta, dirigida por Rilke ao jovem poeta Franz Kappus: “Os homens têm, para todas as coisas, soluções fáceis e convencionais, as mais fáceis das soluções fáceis. Contudo, é evidente que se deve preferir sempre o difícil; tudo o que vive lá cabe. Cada ser se desenvolve e se defende a seu modo e tira de si próprio, a todo o custo e contra todos os obstáculos, essa forma única que é a sua. Sabemos muito poucas coisas, mas a certeza de que devemos sempre preferir o difícil não nos deve nunca abandonar. É bom estar só, porque a solidão é difícil. Se uma coisa é difícil, razão mais forte para a desejar. Amar também é bom, porque o amor é difícil” (Ib., pp. 64-65).

Lembrei-me destas palavras de Rilke, e do tempo em que entraram na minha vida, quando iniciei a leitura deste livro de Jorge Bento, achando que o autor abandonara os acordes maiores da exaltação anímica, de tempos que vivi e convivi fraternalmente com ele e escolhera agora exprimir os desafiantes e exigentes argumentos dialécticos da crítica e da análise aporética, decerto para muitos incomodativa.

24. Professor Catedrático jubilado e ex-Reitor da Universidade de Évora, Doutor Honoris Causa pela Universidade do Porto

Escolheu, pois, o difícil, recusou o fácil. Ele que no seu livro se bate valentemente contra o utilitês, que é o fácil, assumiu a coerência, desde a primeira palavra, da fidelidade à verdade, que é difícil, que é intrinsecamente difícil. Por isso me lembrei instantânea e espontaneamente de Rilke e da sua carta sétima ao jovem poeta Franz Kappus. A reverência prestada à verdade pelo mestre universitário só o honra, bem como a ideia de Universidade – que vejo colocada no sonho platónico da Academia ateniense e no sonho imediatamente subsequente do Liceu aristotélico, que alimentaram o humanismo romano e o imenso esforço da Idade Média, coroado este com a ideia, a palavra e a própria realidade magnífica da Universidade, como naturalmente bem o sabia Wilhelm von Humboldt em 1810, na fundação da Universidade de Berlim. É o longo e profundo itinerário do difícil, na construção vital da Universidade, como sabe e assume Jorge Olímpio Bento neste seu vibrante livro, feito de textos que são ensaios, ensaios que são passos vigorosos da sua própria caminhada. Instituição intrinsecamente votada à Verdade, que é intrinsecamente difícil, não é de admirar que no concerto que ela é se ouçam por vezes passagens do fácil, mas essa não é – não pode ser! – a partitura genuína da Universidade. Não vamos, pois, temer que o culto da verdade vai ser subjugado ou capturado pelo culto da utilidade, no sentido básico desta. Também Ortega y Gasset afirmou, a certa altura, que o ano da morte de Nietzsche – 1900 – fora aquele em que a Utilidade se tornara a finalidade da Universidade, postergando para lugar menor a Verdade. Quando o filósofo espanhol afirmou tal, estava justamente a demonstrar, filosofando, o primado incontornável da Verdade, pois só a Verdade é, em última instância, útil. Jorge Bento não fecha este seu livro com desesperança, menos ainda com desespero. Ele toca a trombeta do alerta. Todos nós, os seus colegas e leitores, vamos ouvir o seu aviso de que a Verdade que a Universidade serve está em perigo, de que a própria utilidade de que a Humanidade precisa está em perigo, pois o seu alimento é a própria Verdade, ou seja, o Conhecimento Verdadeiro. O qual é difícil de alcançar; com o qual, todavia, tudo se torna fácil no utilizar.

Este livro é a mensagem de uma vida. Fecha com a data da jubilação do autor. É mensagem e é símbolo. Para trás, fica o que poderemos chamar a vida universitária-